

Pensamentos e tensões nos estudos do rural na pós-graduação em geografia no Brasil¹

Guilherme dos Santos Claudino

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

Membro do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR)
Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)
e-mail: guilhermeclaudinogeo@gmail.com

Resumo

O texto tomou como propósito revisar um conjunto de dissertações e teses que se dedicaram ao estudo da história e do estado do conhecimento em que o pensamento geográfico atinente ao rural é o objeto por excelência. A batalha e os modelos de leitura das ideias sobre o rural é o elemento que resume o resultado da presente tentativa. Denominar, ilustrar, desconstruir e reconstruir a imagem do conhecimento e do pensamento geográfico daquilo que se produziu e que se produz na geografia e nos outros planos do conhecimento foram os objetivos salutar de cada trabalho apresentado neste texto. Este trabalho, assim, objetiva demonstrar os modos como o rural foi interpretado à luz dos estudos históricos e epistemológicos da geografia brasileira.

Palavras-chave: Rural; conhecimento; pensamento; dissertações e teses; tensões.

Thoughts and tensions in rural studies at postgraduate in geography at the Brazil

Abstract

The text took as its purpose to revisit a set of dissertations and theses that have dedicated themselves to the study of the history and current state of knowledge on the geographical thought regards the rural is the object par excellence. The battle and reading models of ideas on rural is the element that summarizes the results of this attempt. Styling, illustrate, deconstruct and reconstruct the image of knowledge and geographical thought of what is produced and what is produced in geography and other fields of knowledge were the salutary objectives of each work presented in this text.

Keywords: Rural; knowledge; thought; dissertations and theses; tensions.

Pensamientos y tensiones en los estudios rurales en la pos-graduación de la geografía en Brasil

Resumen

El texto tuvo como propósito revisar un conjunto de disertaciones y tesis que se han dedicado al estudio de la historia y el estado actual de los conocimientos en que el

¹ Texto apresentado como requisito de conclusão da disciplina Teoria dos Territórios e da Questão Agrária, ministrada pelo professor Bernardo Mançano Fernandes, durante o primeiro semestre de 2015.

pensamiento geográfico relacionado al rural es el objeto por excelencia. La batalla y los modelos de lectura de las ideas sobre lo rural es el elemento que resume los resultados de este intento. Denominar, ilustrar, deconstruir y reconstruir la imagen del conocimiento y el pensamiento geográfico de lo que se ha producido y lo que se produce en la geografía y otros planes del conocimiento son los objetivos de cada trabajo presentado en este texto.

Palabras-clave: Rural; conocimiento; pensamiento; disertaciones y tesis; tensiones.

Introdução

No presente texto o leitor encontrará uma exposição quase linear de algumas dissertações e teses que se dedicaram à compreensão de conhecimentos materializados, exercício comumente conhecido como estudo do pensamento geográfico. Os trabalhos aqui reunidos foram realizados por autores distintos. O momento e o lugar da confecção de cada qual detém pouca semelhança, o que os une é o rural enquanto fato categórico de análise. Entendemos, com base em Andrade (1995), que o rural compreende, enquanto totalidade, as noções de campo, agrícola e agrário, estes tendo o papel de partes do que seria então uma geografia rural. Compreendemos ainda, como fundamento didático, que os geógrafos que se dedicaram aos estudos do pensamento geográfico realizaram também leituras de conhecimentos materializados em objetos de toda sorte. Isso não significa que separamos o conhecer e o pensar como atividades distintas, mas, admitimos desde já, há diferenças entre o conhecimento e o pensamento quando estão sobre a condição de objetos. Cabe destacar, ademais, que o pensamento é conceitualmente rarefeito em suas inúmeras definições e sentidos, isso implica uma certa problemática quando pretendemos estabelecer um programa de pesquisa coerente em que possamos estudar teorias, geógrafos, conceitos etc.

O conhecimento embora detenha uma condição como objeto mais aceita entre os estudiosos da epistemologia não significa, necessariamente, que sua definição seja mais objetiva que o pensamento, contudo, é inegável, há uma tradição em outras ciências que assumem o conhecimento como objeto. Portanto, no primeiro momento do texto, apresentamos essas noções iniciais. Estabelecemos, em seguida, o recorte temporal que o texto cobre em nossa análise, respeitando na medida do possível a ordem que as defesas de cada dissertação e tese foi concluída, mirando enfim as duas partes finais deste texto onde adentramos o museu desses trabalhos e estabelecemos diálogo com os mesmos objetivando apresentar suas tensões.

Da elaboração do conhecimento à leitura do pensamento: o rural na condição de objeto

Intelectuais brasileiros, de diferentes campos do conhecimento, produziram no último século uma quantidade expressiva de documentação sobre o Brasil rural. Nesse produzir, os geógrafos tiveram um papel presente no fluxo das interpretações. A descrição, delimitação e, conseqüentemente, a compreensão do território brasileiro foi o ofício mais salutar. A nomenclatura do rural, todavia, variou no correr da história incorporando diferentes léxicos: agrário, campo e o agrícola, por exemplo. Temas, atualmente, com uma bibliografia muito farta referente a estes termos que carregam em si especificidades que os diferenciam. Isso tudo desenha/ou uma subárea do conhecimento no interior da Geografia, incumbida de compreender a variância dos fenômenos sociais-econômicos-culturais e físico-químico-biológicos atinentes ao mundo rural. O estudo do Brasil rural (seja qual for a nomenclatura) tornou-se um objeto do conhecimento científico possibilitando os geógrafos desenharem um programa de pesquisa que o distingue de outros subcampos da Geografia.

Sendo um objeto do conhecimento os geógrafos produziram pesquisas, materializando esse conhecimento (do rural) em revistas, dissertações, teses, livros etc. Essa materialização permite que investiguemos o que foi pensado e conhecido na Geografia acadêmica brasileira. O conhecimento deste objeto pelos geógrafos deixou linhas escritas na história, de modo que é possível retornar à esta produção e inferir seus limites e possibilidades no período de então. Essas linhas históricas do rural tornou-se objeto (pensamentos) a ser conhecido, desconstruído, contestado e/ou afirmado, configurando, assim, uma área (sem definições precisas) na Geografia, comumente denominada de *história do pensamento geográfico*. O estudo deste conhecimento que conhece/u é o intento deste texto.

Tanto o objeto que se conhece/u como o sujeito que dele retirou/transformou em conhecimentos estão envoltos em constelações culturais, ideológicas, políticas, linguísticas, econômica etc. Num fluir dialético entre o que é interpretado e aquele que interpreta. A relação entre o sujeito e o objeto – o geógrafo e o mundo rural – permitiu pesquisadores construir histórias, paradigmas, perspectivas e previsões sobre os estudos geográficos do rural brasileiro.

Nessas histórias - do rural - assentasse um conjunto de caminhos; matrizes, escolas, correntes, que tem como direção à compreensão deste conhecimento produzido e materializado (em revistas, músicas, dissertações, teses, conceitos, categorias, livros, grupos de pesquisa). Estes estudos estão ligados à apreensão do *pensamento geográfico* que se expressa através de diferentes fontes, abrangendo, também, a dimensão dos saberes vernaculares, bem como elementos de natureza geográfica que antecedem os rótulos que qualificam a Geografia como científica.

A compreensão do *pensamento geográfico* no tempo é, como as interpretações da questão agrária, um campo em disputa em perpétuo confronto de ideias, permitindo-nos

afirmar que há, às vezes veladas, tensões interpretativas entre os geógrafos brasileiros no que concerne aos estudos da história e do estado atual do conhecimento da geografia rural.

O recorte

Neste texto reunimos teses e dissertações produzidas em diferentes contextos, num recorte que cobre a flecha temporal entre os anos de 1978 a 2013, totalizando 35 anos. As determinações que desenharam este quadro temporal foram dois trabalhos (uma dissertação e uma tese) defendidos em 1978, pioneiros nos programas de pós-graduação em Geografia no Brasil, na dedicação à compreensão do pensamento geográfico aliado ao rural. E isso é uma classificação nossa. Não podemos afirmar, através de cada dissertação e tese aqui reunida, que os respectivos autores assim compreendam e denominam seus trabalhos. Assumimos o risco e, como será demonstrado, cada autor ao seu modo contribuiu com os rumos das interpretações do fato rural na Geografia brasileira. O conhecimento produzido e materializado e, num segundo movimento, considerado e denominado pensamento é uma recorrência nos estudos que se dedicam à relação entre a captura do estado do conhecimento presente e os estudos essencialmente históricos das ideias geográficas. Investigações das proposituras thunianas abrem o que estamos chamando de primeiros trabalhos, o *território (i)material*, que procura dar uma leitura espacial do pensamento geográfico, dá a tessitura atual nos estudos do rural (teóricos/histórico) que encerra nossa análise. O tempo que separa os estudos thunianos da imaterialidade do território comporta uma constelação de elementos: orientações, métodos, bancas examinadores, desconstruções, confrontos etc.

Assim, não partilhamos com uma separação entre o conhecimento e o pensamento (conhecer e pensar) que são duas atividades indissociáveis. Contudo entendemos que os estudos do pensamento geográfico brasileiro buscam suas fontes analíticas em conhecimentos materializados, como dito anteriormente. Dado que:

[...] a agricultura tal qual ela é efetivamente praticada, tal qual pode-se observá-la, formando um *objeto real de conhecimento*; e, por outro lado, o que o observador pensa sobre esse objeto real, o que diz sobre ele, constituindo um conjunto de conhecimentos abstratos, que podem ser metodicamente elaborados para construir um verdadeiro objeto concebido, ou objeto *teórico de conhecimento* e de reflexão (MAZOYER e ROUDART, 2010, p. 71).

O significado do termo pensamento geográfico, enquanto programa de pesquisa, pode variar de autor para autor. Pensamento geográfico qualifica um conjunto de discursos que se referem ao espaço terrestre, aos lugares e ao relacionamento dos grupos humanos

com espaços e lugares. Trata-se, portanto, de construções culturais que vinculam juízos e valores acerca da apropriação da superfície da Terra, e que atuam sobre as formas continuamente renovadas desse processo universal e denso de particularidades históricas a cada momento (MORAES, 1999, 2009).

É pelas argumentações colocadas acima que resolvemos diferenciar conhecimento de pensamento geográfico.

[...] o conhecimento refere-se à produção intelectual dos geógrafos em suas mais diferentes investigações, na busca de realizar uma leitura da realidade objetiva. De maneira diferente, o pensamento é decorrente do trabalho epistemológico de discussão e reflexão daquilo que é acumulado pelas leituras da realidade, resultando em novos conhecimentos em níveis mais abstratos e mais profundos sobre aquilo que é produzido pelos geógrafos (SPOSITO, 2004, p. 15).

Para Arendt (1981, p.184), aliás, “perguntar se o pensamento tem algum significado equivale a recair no mesmo enigma irrespondível do significado da vida”. Com esse quadro em vista, pensamos que nossas considerações sobre o significado de conhecimento e sobretudo o pensamento devem soar ao leitor como um artifício didático.

Do “*Dier Isolierte Staat*” ao território (i)material: uma visita ao museu de dissertações e teses

Embora este trabalho tenha como objetivo contribuir à comunidade de geógrafos com um olhar panorâmico dos estudos dedicados à compreensão do pensamento geográfico inerente aos estudos do rural, tivemos que, inevitavelmente, delimitar e fazer cortes no tempo bem como no espaço, selecionando autores, ideias, lançando juízos, configurando e desenhando portanto um *território (i)material* no plano das ideias de que fala Fernandes (2009, 2013). Dessa forma, ao mesmo tempo que tencionamos ampliar a compreensão dos estudos voltados ao pensamento geográfico, circunscrevemos, recortando têmporo-espacial, este pensamento/conhecimento. A condição de ampliar também delimita e fecha através das nossas estratégias teórico-metodológicas as interpretações. Nas linhas que seguem descreveremos e demonstraremos as dissertações e teses que consideramos serem dedicadas à compreensão do pensamento geográfico. Vamos a elas.

Em 1978, ano de um dos eventos mais emblemáticos da Geografia brasileira², ocorreu, conjuntamente, duas defesas na pós-graduação em Geografia sobre Johann Heinrich von Thünen, distintas quanto ao método e objetivos, mas comuns na temática. O

² 3. Encontro Nacional de Geógrafos (ENG), realizado em Fortaleza (Ceará).

primeiro trabalho é a dissertação da geógrafa Olindina Vianna Mesquita, *O modelo de Von Thünen: Uma Discussão*, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no mês de março de 1978, sob orientação da geógrafa Maria do Carmo Corrêa Galvão³. Mesquita conduziu sua análise ao modelo de Thünen, verificando a validade de seu emprego como instrumento de análise no estudo da organização do espaço agrário, em torno de um centro urbano. É uma análise que não se levou em conta o todo da obra de Thünen, detendo-se apenas ao modelo e seus anéis, demonstrando um estudo de carácter conceitual e essencialmente descritivo. Mesquita procurou fazer uma análise do modelo de Thünen em uma abordagem mais aplicada, de modo oposto a tese de Oliveira (1978), que anunciou as limitações do Estado Isolado de Thünen.

Aos 36 minutos do dia 23 de novembro de 1978⁴ é concluída a tese de doutorado do geógrafo Ariovaldo Umbelino de Oliveira *Contribuição para o Estudo da Geografia Agrária: Crítica ao "Estado Isolado de Von Thünen"*, sob orientação do geógrafo Pasquale Petrone, na Universidade de São Paulo (USP). Oliveira analisou a obra de Thünen através do materialismo histórico e dialético, contribuindo para a crítica (restrições) ao método de Von Thünen e a denúncia do carácter de classe (classe dominante) de sua obra; as razões da "atualidade" de suas teorias dentro da Geografia: o carácter ideológico desta atualidade; a incapacidade (teórica) desta teoria em explicar a realidade (OLIVEIRA, 1978). Dado que na;

[...] história da geografia, o trabalho de Thünen tem sido considerado como a principal contribuição para a teoria locacional. Entretanto, argumentar-se-á que esta interpretação só é possível se abstrairmos a tese central de Von Thünen. O "Estado Isolado" é de fato um "sobre-produto" do seu trabalho. O próprio Von Thünen nunca interpretou o "Estado Isolado" como uma contribuição teórica para a Geografia, mas considerou o uso de um "ideal construct" como sua contribuição científico essencial (BARNBROCK, 1975, apud OLIVEIRA, 1978, p. 238).

Assim, os estudos do "Dier Isolierte Staat"⁵, abrem nossa análise da produção em *pensamento geográfico*, visto, aqui, como trabalhos pioneiros nos estudos teóricos concernentes ao rural na pós-graduação em Geografia no Brasil. As diferenças entre os trabalhos de Mesquita e Oliveira (método e autores) esclarecem e nos permitem observar uma primeira tensão nos estudos rurais, cuja contribuição de ambos abriu foros pouco explorados no momento de outrora, ampliando, portanto, a compreensão da história do pensamento geográfico.

³ Galvão contribui com célebres reflexões direcionadas ao debate teórico-metodológico nos estudos do rural.

⁴ Esta informação pode ser consultada na página 486 da presente tese. Contamos com a versão de um só tomo, emprestada do acervo do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT).

⁵ Estado Isolado.

Em julho de 1990, doze anos depois das primeiras defesas, João Phelipe Santiago, sob orientação do geógrafo Heiz Dieter Heidemann, defendeu a dissertação de mestrado *A GEOGRAFIA NO BRASIL: A contribuição de Manuel Correia de Andrade* na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A inserção deste trabalho no rol das dissertações e teses que estamos analisando justifica-se por um motivo muito simples; embora o foco de Santiago não seja, necessariamente, a história da geografia agrária, ou, de outro ponto de vista, uma discussão de determinada teoria ou conceito, o autor dedicou a pesquisa à produção geográfica de Manuel Correia de Oliveira Andrade, cuja produção voltada para o Nordeste e o Brasil mostrou-se extensa, variando entre os temas; planejamento regional, geografia física e ecologia, evolução e tendências do pensamento geográfico, bem como a questão agrária, organização espacial, econômica, política e social do Brasil e do Nordeste (SANTIAGO, 1990). Ainda que Santiago caminhe por todos estes temas, demonstrando a magnitude dos assuntos e da quantidade de obras (contando com mais de cem livros publicados), o foco é a obra *A Terra e o Homem no Nordeste*, publicada em 1963. Este livro denunciou os problemas agrários, de modo que os movimentos sociais fossem, magistralmente, incluídos no debate geográfico. Santiago analisou e interpretou o pensamento de Manuel Correia Andrade, através do método dialético e histórico, procurando observá-lo enquanto produtor da ciência geográfica.

No dia 1º de setembro de 1991⁶, a geógrafa Alexandrina Luz Conceição defendeu a dissertação *A Questão Camponesa: o olhar sob o signo dialético* na Universidade Federal de Sergipe (UFS), orientada pelo mesmo orientador de Santiago, Heinz Dieter Heidemann. Dedicou-se, em seu estudo, ao conceito de camponês. Este trabalho pode ser considerado como um dos primeiros na pós-graduação brasileira a discutir Chayanov e Shanin, em um contexto, quando escrita, que pouco se falava, Conceição utilizou e inseriu a fala dos sujeitos do cotidiano no texto da dissertação. Estudou o conceito de camponês através da dialética materialista, com base nos fundamentos do signo de Mikhail Bakhtin.

A palavra “camponês” para Conceição (1991) está marcada em um determinado tempo por um determinado grupo social, e ao se perpetuar ela passa a interiorizar a função de signo ideológico e linguístico que representam uma época e que no processo da vida cotidiana, no hoje, ainda não rompeu com sua antiga representação. Para Conceição (1991, p. 4-5);

[...] na história da geografia agrária no Brasil, sem a pretensão de citações, de todos os geógrafos, que contribuíram com suas pesquisas na geografia agrária. Nosso objetivo é o de identificar no tempo histórico, o autor, para que possamos verificar a sua enunciação no contexto de sua época.

⁶ Informação coletada da Matriz de dissertações e teses da Capes.

Ao historiar o conceito de camponês nos estudos geográficos no Brasil, nos diversos contextos sociais, Conceição identificou as diversas denominações referidas ao homem do campo. Focalizou, no trabalho de pesquisa, o uso generalizado da palavra camponês, agricultor e pequeno produtor. A aplicação destes termos de forma geral não levou em conta a heterogeneidade do processo em que se dão as novas relações sociais de produção da área rural (CONCEIÇÃO, 1991).

No mês de outubro de 1997, a geógrafa Virgínia Elisabet Etges, defendeu a tese de doutorado *Geografia Agrária: a contribuição de Leo Waibel* na Universidade de São Paulo (USP), sob orientação de Ariovaldo Umbelino de Oliveira. Neste trabalho Etges mergulhou no pensamento do geógrafo Leo Heinrich Waibel, apoiada no materialismo dialético analisou a influência de Leo Waibel na geografia agrária partindo de quatro conceitos principais da sua obra: Paisagem Cultural, Formação Econômica, Colonização e Uso da Terra. Dentre tantos elementos importantes desta tese um se destaca, a citar; Etges⁷ referencia o pensamento de Thomas Samuel Kuhn, concernente as crises que as ciências enfrentam, a citação que a autora utilizou de Kuhn foi retirada do geógrafo alemão Hans - Dietrich Schoultz (1980), conquanto não encontramos referência propriamente à obra de Kuhn na bibliografia do trabalho. Essa observação é importante devido a dimensão que a obra de Kuhn, sobretudo os paradigmas, ganharam nas interpretações do pensamento geográfico brasileiro, alimentando tensões sobre sua utilização entre os geógrafos até os dias atuais.

O trabalho que fecha a década de 1990 foi realizado por Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira *O Mundo Rural sob o Ponto de Vista Geográfico: a Trajetória da Geografia Agrária Brasileira da década de 30 à de 90* no mês de novembro de 1998, sob orientação da geógrafa Lucia Helena de Oliveira Girardi, na Universidade Estadual Paulista – UNESP, *Campus* de Rio Claro. Ferreira, diferentemente dos trabalhos anteriores, tomou como objeto de pesquisa a trajetória da geografia agrária, identificando como este ramo, preocupado em estudar o fato rural, desenvolveu suas análises, respondendo às inquietações de uma realidade diversa e dinâmica (FERREIRA, 1998).

Ferreira, além de interpretar a trajetória da geografia agrária, utilizou-se de um conjunto de nomenclaturas para se referir à história dos estudos rurais, versando entre escolas, fases, correntes e, também, paradigmas. Quanto a este último, que aparece no decorrer de todo o trabalho⁸ não há referência a Kuhn. Ferreira entende como paradigma na trajetória da geografia agrária os seguintes elementos⁹: diferenciação de áreas (1934-1960), classificatório (60-70) e interação e ação sobre o espaço (1975 – 1995); bem como¹⁰

⁷ Pode ser consultado na página 37 do respectivo trabalho.

⁸ Basta consultar as páginas: 9, 10, 13, 24, 28, 34, 37, 39, 42, 83, 139 da respectiva tese.

⁹ No quadro 1 da página 43 (*Síntese da Geografia Agrária Brasileira*) da respectiva tese.

¹⁰ No quadro 2 da página 84 (*A Geografia Agrária Brasileira e as Ciências de Contato*) da respectiva tese.

determinismo e possibilismo (1940 - 1950 - 1960), quantificação (1970-1980), geografia crítica (1980-1990) e geografia humanística (1990).¹¹

Cinco anos depois, no mês de agosto do ano de 2003, o geógrafo Nilton Abranches Junior, sob orientação da geógrafa Ana Maria de Souza Mello Bicalho, buscou identificar as abordagens que a geografia agrária utilizou no exercício de interpretar a relação do homem com o ambiente. Este estudo, materializado em uma dissertação (*O Ambiente Visto pela Geografia Agrária Brasileira: de 1939 a 1995*), teve como fonte a Revista Brasileira de Geografia. Abranches Junior (2003), mergulhou e agrupou os textos da referida revista em três abordagens; antropocêntrica, eco-antropocêntrica e ecocêntrica, concluindo, então, que o antropocentrismo dominou a produção dos estudos agrários entre 1939 a 1995.

Nilton Abranches Junior, todavia, imergiu na relação do homem com o ambiente com mais amplitude, assim entendemos, na tese de doutorado (*Geografia Agrária e Ambiente no Nordeste do Brasil*), defendida no dia 8 de novembro de 2008. A tese, também, contou com a orientação da geógrafa Ana Maria de Souza Mello Bicalho. A região Nordeste foi palco onde seu estudo direcionou-se à compreensão do homem com o ambiente. A Revista Brasileira de Geografia continuou sendo sua fonte de conhecimento materializado. Cabe lembrar, ainda, que Abranches Junior (2008), entende a geografia agrária (baseando-se na própria dinâmica que seu objeto de estudo foi sendo considerado ao longo do tempo) como uma sub-área da geografia humana. Desse modo, para compreender como as questões ambientais foram sendo tratadas pela geografia agrária do nordeste, baseou-se, entre outros autores, em Simmons (1989-1993), que, diz Abranches Junior (2008, p. 10), “sugere a existência de diferentes construções ambientais”.

Rompendo com algumas leituras generalizantes referentes ao geógrafo Orlando Valverde, Sérgio Adas, no dia 3 de maio de 2006, sob orientação do geógrafo Antônio Carlos Robert Moraes, defendeu a tese *O campo do geógrafo: colonização e agricultura na obra de Orlando Valverde (1917-1964)* na Universidade de São Paulo (USP). Para Adas (2006) alguns geógrafos que se aventuraram em lançar juízos à compreensão de Orlando Valverde cometeram alguns equívocos de natureza generalizante ao pensamento geográfico deste importante geógrafo.

Adas (2006), no início do trabalho, aponta três teses de doutorado que realizaram uma leitura fragmentada de Valverde, a saber: Ariovaldo Umbelino de Oliveira, em sua tese de doutorado, já referenciada no começo desta sessão; Virgínia Elisabet Etges, também mencionada inclusive foi orientanda do Ariovaldo, e, por último, a geógrafa Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira, presente em nossa análise. Esses autores;

¹¹ Nos trabalhos que descreveremos à frente a noção de paradigma na geografia agrária ganha novos tons.

[...] em suas respectivas teses de doutorado, circunscreveram alguns aspectos da obra do geógrafo, seja abordando-os em análises centralmente dedicadas a compreender o legado de seu mais importante orientador científico, Leo H. Waibel, seja contemplando a contribuição do geógrafo ibegeano diante de outros geógrafos agrários pátrios. Aspecto relevante a ser sublinhado, afora o mérito incontestado desses trabalhos segundo os fins aos quais foram destinados, neles emerge a ausência pronunciada de uma compreensão direta dos móveis políticos-ideológicos e das determinações históricas imiscuídos na produção seminal valverdiana. Nesses estudos, a bem da verdade, a obra do geógrafo é referenciada quer por meio de uma crítica negativa, quer pelo prisma de um préstimo a-histórico excessivo, prevalecendo em suas análises específicas (que, aliás, não pretenderam toma-la como centro) o “descuido” em não a situar no movimento mais geral das determinações históricas em que ela foi estruturada. Desse modo, é justo reconhecer, o tratamento da obra valverdiana na literatura especializada existente ainda se encontra afastado do contexto de circulação de ideias no qual ele foi fecundada e ao qual procurou fornecer respostas e sofreu, decerto, inflexões nada desprezíveis (ADAS, 2006, p. 2).

Não apenas nas teses indicadas o pensamento de Valverde foi utilizado ou retratado de forma parcial. Além destes, geógrafos como Monteiro (1980), Ab’Saber (1989) e Andrade (1995) também podem ser incluídos.

De todos esses autores Ariovaldo Umbelino de Oliveira (1978), foi o que recebeu em maior grau algumas ponderações de Adas (2006), como seguem;

[...] há que se fazer certa ponderação e relativização dos julgamentos endereçados à obra valverdiana por Oliveira, uma vez que suas avaliações são desfechadas sem considerar nem a particularidade e totalidade dos escritos do autor nem o momento no qual foram gestadas. Se essas ponderações suscitarem margem para uma relativização das críticas generalizantes tecidas à obra valverdiana que desembocam em considerá-la integralmente imersa num discurso contraditório, vamos de boa sombra. Ao menos assim alerta-se para a necessidade de compreendê-la na especificidade de suas partes. Acreditamos que Oliveira desfechou sobre a obra valverdiana a qualidade de um discurso aparentemente contraditório e, por conseguinte, procurou demonstrar sua fragilidade uma vez que destoa de um referencial teórico que não era o seu e que somente a partir da década de 1960 iria começar a se antepor na cena das pesquisas geográficas. A nosso ver, cometeu-se, assim, no encaixe de uma postura crítica senão de todo equivocada mas seguramente incompleta pelos motivos acima elucidados, uma interpretação nada rigorosa em termos históricos da obra do autor, descontextualizando-a sob o crivo de uma crítica que, não resta dúvida, estruturou-se cientificamente porque rebateu antigas e propôs outras ferramentas teóricas até então não hegemônicas no campo científico geográfico, mas cuja meta foi claramente política num contexto de apelos incipientes de democratização no país e perguntas e engajamento a respeito de qual contribuição a geografia cumpriria nesse processo (ADAS, 2006, p. 65).¹²

¹² Valverde, inclusive, compôs a banca avaliadora de Oliveira em 1978.

Além dessas diversas críticas, Adas (2006) buscou compreender Valverde baseando-se em quatro eixos bibliográficos complementares e essenciais, ou seja, sócio-político, institucional (CNG/IBGE) e intelectual e, quando se demonstrou salutar para depreender o posicionamento político-ideológico do autor, metodológico. Para Adas (2006, p. 9) “o discurso geográfico valverdiano apresenta influências significativas das políticas lideradas por Getúlio Vargas durante o Estado Novo (1937-1945) relativas aos temários colonização, povoamento e agricultura”. Assim como Ferreira (1998), Adas (2006) utilizou-se de um grande repertório de termos para se referir a trajetória de Valverde, bem como a geografia agrária, sendo esses: escola, corrente, matriz e paradigma.

No mês de julho de 2009, na UNESP, *Campus* de Presidente Prudente, é defendida a primeira defesa, uma tese, *Movimentos Socioterritoriais: uma contribuição conceitual à pesquisa geográfica*, do geógrafo Nelson Rodrigo Pedon, sob orientação de Bernardo Mançano Fernandes. Pedon dedicou-se aos movimentos sociais na história da Geografia e de outras ciências, culminando com o constructo teórico de natureza geográfica - os movimentos socioterritoriais - sendo, então, uma construção propositiva/conceitual de abordagem geográfica dos movimentos sociais. Para alcançar estes objetivos Pedon percorreu no tempo desde as ligas camponesas, passando pelos movimentos sociais urbanos e rurais, investigou a materialização de estudos deste gênero na Revista Terra Livre, Boletim Goiano de Geografia, Boletim de Geografia Teórica e o Caderno Prudentino de Geografia, até, então, chegar na materialização do conceito de movimento socioterritorial¹³.

No ano seguinte, 2010, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), Karina Fernanda Travagim Viturino Neves, sob orientação de Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva, concluí a dissertação de mestrado *Relação cidade-campo: estudo da produção do conhecimento na ciência geográfica brasileira a partir dos anais dos Encontros Nacionais de Geografia Agrária (ENGA)*. Neves tomou como temática a relação cidade-campo, cujos conhecimentos foram materializadas e publicadas nos anais dos Encontros Nacionais de Geografia Agrária (ENGA)¹⁴. O período analítico compreendeu os anos de 1978 – 2009 período considerado pela autora como fundamental para acompanhar o movimento de uma parcela dos conhecimentos produzidos na geografia agrária brasileira. Neves utiliza-se de corrente, escola e paradigma para tratar da trajetória da geografia agrária, caminhando através da proposta da geógrafa Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira (1998).

Para Neves (2010) a natureza dinâmica do seu objeto de estudo pode ser compreendida a partir das perspectivas de análise de três autores: Johann Heinrich von Thünen, Walter Christaller e Henri Lefebvre. Considerou suas obras significativas, entre

¹³ Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira compôs a banca examinadora.

¹⁴ Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira compôs a banca examinadora.

vários motivos, porque o tempo histórico em que cada autor realizou seus estudos reflete uma realidade de interação entre a cidade e o campo que a interessou evidenciar.

Ainda em 2010, no mês de outubro, Flamarion Dutra Alves, na Universidade Estadual Paulista, *Campus* de Rio Claro, defendeu¹⁵ a tese de doutorado *Trajatória teórico-metodológica da geografia agrária brasileira: A produção em periódicos científicos de 1939-2009*, sob orientação do geógrafo Enéas Rente Ferreira. Embora Alves tome como análise o período compreendido entre 1939 – 2009, o tom da análise se concentra a partir da década de 1990, visto que após esta data:

[...] na geografia agrária, os estudos sobre a história do pensamento têm como marco inicial a década de 1930, aproximadamente, e o fim de suas análises por volta da década de 1990, lembrando os trabalhos de Gusmão (1978), Diniz (1984) e Ferreira (2002) que pesquisou sobre a produção em geografia agrária até o início da década de 1990. Após esta data, pouco foi tratado a respeito da questão metodológica na geografia agrária, algumas perguntas são feitas como, quais seriam os métodos que predominam nas investigações geográficas em agrária? Ou ainda, quais os conceitos que são empregados? E existe uma coerência entre teoria e método? Há uma diversidade metodológica na geografia agrária brasileira? (ALVES, 2010, p. 16).

Diferentemente de Ferreira (1998), Alves objetiva compreender o caminho teórico-metodológico traçado pelos geógrafos dedicados à geografia agrária, para tanto adotou como análise a tendência plural para entender a história do pensamento geográfico, partindo da explicação do pluralismo metodológico e da escolha dos métodos, em seguida abordou a questão paradigmática na ciência, pois quem estuda a história do pensamento geográfico, diz Alves (2010, p. 23) “tende a realizar divisão ou classificações por escolas, correntes ou linhas de pensamento”. Essas divisões devem ser balizadas, continua, “por um paradigma / filosofia dominante que dita à escolha das teorias e métodos daquele grupo de cientistas”. Desta forma buscou em Kuhn as bases para sua análise visto que:

Kuhn (1975) explica essa mudança de paradigmas na ciência servindo de referência aos estudos de história do pensamento geográfico e através de suas ideias faremos essa subdivisão teórico-metodológica, primeiramente periodizando por décadas a produção bibliográfica nos periódicos em geografia e em seguida classificando por paradigmas e filosofias, desde 1939 até 2009 (ALVES, 2008, p. 23).

Em sincronia com o paradigma kuhniano, Alves buscou na hermenêutica o esquema teórico-metodológico para sua investigação, compreendido pelo método hermenêutico e pelas análises de discurso (qualitativo) e conteúdo (quantitativo). Desse

¹⁵ Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira compôs a banca examinadora.

modo, explicou as ideias do método hermenêutico fundamentado em Gadamer (2003) (ALVES, 2010).

Como vimos até aqui, os estudos (teses e dissertações) ligados à compreensão do pensamento geográfico selecionados, tiveram com Oliveira (1978), Santiago (1990), Conceição (1991) e Etges (1997), excetuando-se o trabalho de Mesquita (1978), a presença do materialismo histórico e dialético como método nas análises de cada objeto pesquisado – Estado Isolado de Thünen, Manuel Correia de Andrade, conceito de camponês, Léo Waibel etc., é notório que o fato de utilizarem de tal método não represente semelhança nos autores utilizados para as respectivas análises, Conceição, por exemplo, utilizou-se, diferentemente de Oliveira, Santiago e Etges do filósofo Mikhail Bakhtin, do mesmo modo Oliveira que se utilizou de um outro fulcro de autores para realizar sua análise e assim sucessivamente. Com o trabalho de Ferreira (1998), Abranches Junior (2003, 2008), Pedon (2009), Neves (2010) e os subsequentes, a inserção de outros modos e métodos é notável, contudo a presença do materialismo histórico e dialético mostra-se presente, dividindo territórios ((i)materiais?) com outros modos metodológicos de análise do pensamento geográfico ligado aos estudos agrários.

O primeiro sopro, embora, reconhecemos, pequeno desta mudança, é a inserção mesmo que de forma indireta da citação de Kuhn, na tese de Etges (1997). Como vimos, apesar de não citado (Kuhn) no trabalho de Ferreira (1998), apresentou-se inúmeras vezes (o paradigma)¹⁶ ao longo da tese, do mesmo modo na tese de Adas (2006)¹⁷ e na dissertação de Neves (2010)¹⁸, em ambas não há referência a Kuhn, porém a autores utilizam-se da noção paradigma¹⁹ cuja materialização total e com referência a Kuhn apresentou-se na tese de Alves (2010), Felício (2011) e em Campos (2012), nesses últimos relaciona-se outros elementos à propositura kuhniana.

Com toda esta natureza em vista e este pequeno balanço dos doze trabalhos até aqui explanados é importante que caminhemos um pouco mais, perseguindo a exposição dos quatro trabalhos restantes.

A presença, como mencionada nas linhas anteriores, do paradigma de Kuhn mostrou-se mais recorrente nos estudos voltados à compreensão, datação e seleção dos pensamentos do mundo rural. No ano seguinte à defesa de Alves (2010), no dia 5 do mês de junho de 2011, na Universidade Estadual Paulista (UNESP), *Campus* de Presidente Prudente, sob orientação de Bernardo Mançano Fernandes, Munir Jorge Felício defende a

¹⁶ Com isso não queremos afirmar que o conceito de paradigma pertença a Kuhn, mas, o que tudo indica, a ligação do paradigma com Kuhn neste trabalho é salutar.

¹⁷ Consultar as páginas (p. 45, 286, 291, 409, 433) da respectiva tese.

¹⁸ Consultar as páginas (p. 41, 45, 46, 51, 52, 60, 61, 63, 65, 66, 67, 68, 70, 105, 108, 109, 111, 114, 131, 134, 190, 295) da respectiva dissertação.

¹⁹ Sabemos que o conceito de paradigma pode ser utilizado através de várias perspectivas, diferenciando-se nas ciências humanas, filosofia e na linguística.

tese de doutorado *Contribuições ao debate paradigmático da questão agrária e do capitalismo agrário*. Essa tese, distintamente de Alves (2010), que identificou um pluralismo nas concepções e utilizações teórico-metodológicas nos estudos da geografia agrária brasileira após 1990, apontou dois paradigmas norteadores dos estudos da questão agrária no Brasil, como mostraremos a seguir.

O primeiro paradigma é o PQA: *Paradigma da Questão Agrária*.

Este paradigma defende a tese segundo a qual a questão agrária é estrutural e engendrada pelo avanço do capital na agricultura (KAUTSKY, 1986; LÊNIN, 1985). Esta questão não pode ser solucionada pelo capitalismo e sua superação está na construção de uma outra sociedade. Suas tendências internas são proletariado (THOMAZ JUNIOR, 2008) e camponismo (PLOEG, 2008; OLIVEIRA, 1991) compreendidos pelo método dialético por meio da dinâmica da luta de classes. Nas análises construídas com esse paradigma emergem os diferentes fins e recriações do camponato. Enaltecem o protagonismo do camponato por meio de práticas heterogênicas, pela luta pela reforma agrária e pela resistência com as ocupações de terra. A perspectiva para o camponato está na luta contra o capital, na superação do sistema capitalista (FELÍCIO, 2011, p. 5).

O segundo paradigma é o PCA: *Paradigma da Capitalismo Agrário*.

Com as análises seminais de Mendras (1984) e Lamarche (1993; 1998) emerge o paradigma do capitalismo agrário defendendo que os problemas agrários criados pelo capitalismo podem ser solucionados por ele próprio, não existindo uma questão agrária na perspectiva do outro paradigma. Suas tendências internas são a agricultura familiar (ABRAMOVAY, 1998; VEIGA, 1991) e o agronegócio (NAVARRO, 2010; SILVA, 1981), os quais são analisados, com os recursos do método positivista para enaltecer a sua hegemonia. Portanto, não há antagonismo entre agronegócio e camponato, cujas perspectivas seria a manutenção do capitalismo. Basta ao camponato lutar ao lado do capital tecnificando e se integrando no processo produtivo, promovendo a metamorfose do camponês em agricultor familiar (FELÍCIO, 2011, p. 5-6).

Felício, para construir e interpretar estes dois paradigmas, desenvolveu e propôs um método de análise, em que o confronto entre estes dois paradigmas é o movimento que lhe da vida, o debate paradigmático. O confronto e o debate entre os paradigmas, segundo Felício, possibilita compreender as interpretações da questão agrária brasileira e do camponato. É “importante compreender como acontece a disputa”, diz Felício, “a rejeição e/ou negação de uma teoria por outra, como pode ser encontrado na contribuição de Kuhn” (FELÍCIO, 2011, p. 9).

Entendemos que Felício (2011), pecou em um olhar propriamente geográfico, de modo que, por outro lado, sua contribuição é passível de ser utilizada em outros campos do

conhecimento, atravessando as fronteiras da Geografia, que tenham a questão agrária como objeto do conhecer. Trouxe, é inegável, uma contribuição ímpar ao rol das interpretações sobre o pensamento geográfico brasileiro ligado as questões agrárias. Mas este relativo desvio geográfico em seu trabalho mostrou-se superado no trabalho seguinte ao seu, defendido em 2012.

Janaina Francisca de Souza Campos, no dia 29 de outubro de 2012, defendeu a tese *Leituras dos territórios paradigmáticos da Geografia Agrária: análise dos grupos de pesquisa do estado de São Paulo*²⁰. A singularidade deste trabalho reside no fato de, diferentemente dos anteriores, a autora não buscar compreender o pensamento geográfico através de autores específicos, conceitos, categorias, teorias, periódicos etc. O conhecimento materializado que Campos dedicou-se a extrair o pensamento geográfico foi dos grupos de pesquisa. Assim, estudou os grupos (territórios paradigmáticos) dedicados aos estudos de geografia agrária no estado de São Paulo através dos dois paradigmas já discutidos acima, o PQA e o PCA. No entanto, menciona Campos, “investigaremos os temas e paradigmas dos grupos de pesquisa em geografia Agrária, contudo, o tom geográfico e territorial foi atribuído à análise do pensamento geográfico: a leitura dos territórios paradigmáticos” (CAMPOS, 2012, p. 22).

Dessa forma, para nós, Campos incrementa o elemento pouco trabalhado por Felício: o olhar geográfico. Ainda assim Campos precisou buscar, para tal intento, outros aportes teórico-metodológicos até a proposição propriamente dita de seu método de análise: os *Territórios Paradigmáticos*.

A unidade, a diversidade e a diferencialidade temática e paradigmática dos grupos de pesquisa são interpretadas à luz do conceito de território (i)material (CAMPOS, 2013; FERNANDES, 2009, 2013), denominado territórios paradigmáticos. Campos direcionou sua atenção para as temáticas selecionadas pelos grupos de pesquisa, considerados territórios paradigmáticos que, sustentados por estruturas de socialização, práticas e ações, disseminam e disputam poderes explicativos (CAMPOS, 2012).

Com todo este fulcro, diz Campos;

[...] enfatizamos o caráter histórico e a multiplicidade do conhecimento, nos quais a conflitualidade paradigmática toma como princípio uma perspectiva dialética. Ao invés de desqualificar a proposta desses autores, avançamos rumo à superação, na qual se buscou explicitar suas contribuições, limitações e diferenças e apresentar uma abordagem paradigmática que colabore com a interpretação do pensamento geográfico brasileiro. Sem negá-los, este trabalho demonstrou o limite epistemológico e a contribuição propiciada por essa interlocução (CAMPOS, 2012, p. 43).

²⁰ Sob orientação do geógrafo Bernardo Mançano Fernandes.

Entendemos, desta forma, que Campos trouxe uma leitura espacial do pensamento geográfico. Norteando a propositura de seu método de análise (territórios paradigmáticos), através, com certa medida, da contribuição de Felício (2011), que também fez uma propositura analítica e, sobrevoando estes componentes, Campos utilizou-se da perspectiva dialética, como expresso na citação. Além destes elementos buscou fundamentos em Ludwik Fleck (estilos e coletivos de pensamento), Kuhn (paradigmas) e em Bernardo Fernandes (território (i) material).

Continuando as defesas realizadas em 2012, agora na cidade de São Cristóvão - SE, no dia 9 de julho, Fabrícia de Oliveira Santos, sob orientação de Alexandrina Luz Conceição, na Universidade Federal de Sergipe (UFS) defende sua tese de doutorado *A Revista Agrícola, órgão da sociedade sergipana de agricultura e a estratégia da produção e organização do campo em Sergipe, 1905-1908: "por em comum as 'luzes' e experiências"*. Santos (2012), na presente tese, tomou como objetivo desvelar uma leitura do discurso da/na Revista Agrícola (SSA) órgão da Sociedade Sergipana de Agricultura, a partir da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin, mesmo filósofo que Conceição (1991), sua orientadora, utilizou e, atualmente, está presente em suas reflexões sobre o pensamento geográfico social brasileiro. Santos capturou o pensamento geográfico presente na Revista Agrícola e o interpretou através da polifonia do discurso, considerando que o capitalismo tipográfico atuou como pano de fundo nas determinações dos discursos elaborados através desta revista que recaiu, como a autora bem demonstrou, na produção do campo sergipano.

Para efetuar esta leitura, Santos sustentou sua análise no método materialista e dialético, cujo conteúdo discursivo pode ser revelado nas suas contradições, possibilitando inclusive a visualização da presença de divisão e luta de classe (SANTOS, 2012). Aliado ao materialismo dialético na busca de desvelar esse discurso a proposta de análise de Bakhtin (1997), a autora contou com a proposituras sobre a significação das palavras ao longo do tempo,

[...] indicadas por Ginzburg (2001; 2007); a interpretação sobre pensamento geográfico a partir das reflexões de Moraes (1991; 1999); Escolar (1996); Conceição (2000; 2001; 2010); a ideia de produção do espaço analisada por Harvey (2006); comunidade imaginada, conceitos concebidos por Anderson (2008); as distinções discursivas de campo e cidade analisadas por Williams (2011) e Lefebvre (1973); e sobre os editores e colaboradores da Revista um entendimento a partir da concepção de intelectual proposta por Gramsci (1995); ainda para desvelar os meandros entre leitores, contexto e leitura, as indicações de Chartier (1994; 2004); e olhar sobre essa fonte fundamentado na dimensão da dialética marxista ao inserir esse periódico como cultura material, como resultado do processo de expansão do capitalismo no Brasil, um mecanismo eficaz na fundamentação das ideias das classes dominantes e no interior de um desenvolvimento desigual e combinado (MARX; ENGELS, 2007; SMITH, 1984) e para desvelar a

ideologia presente no discurso, o entendimento deste conceito como um conjunto de ideias permeadas de poder (EAGLETON, 1997) (SANTOS, 2012, p. 28-29).

Assim, é possível observarmos, segundo a autora, seus referenciais que auxiliaram no desenvolvimento da respectiva tese. A última defesa que compôs nosso quadro de análise é de 2013, defendida no dia 3 de junho, de Maria Luisa Rocha Ferreira de Mendonça *Modo capitalista de produção e agricultura: a construção do conceito de agronegócio* na Universidade de São Paulo (USP), esta tese contou com a orientação de Ariovaldo Umbelino de Oliveira. Mendonça direcionando sua atenção ao conceito de agronegócio, percorreu a história investigando os fatores que exerceram influência na construção da imagem da agricultura no modo capitalista de produção e sua representação através do conceito que passou a ser difundido como agronegócio (MENDONÇA, 2013). Como Munir Jorge Felício (2011), Mendonça não explorou o potencial geográfico do seu objeto de estudo, encontrando em sua bibliografia a presença de poucos geógrafos, cuja maior presença é do próprio orientador, Ariovaldo Umbelino de Oliveira. De todo modo, o seu trabalho vem em boa hora, visto que muito se diz sobre o agronegócio e poucos tem se dedicado, de fato, a este termo (história, fundo ideológico e utilização na ciência) que é considerado por Mendonça como um conceito.

Com este empreendimento, Mendonça (2013) caminha no tempo utilizando a teoria do valor que embasou o pensamento de Karl Marx em *O Capital*, ao identificar tendências do modo capitalista de produção a partir de determinadas condições materiais. Seu estudo inclui o papel da ideologia, entendida no contexto do materialismo dialético como método de análise através do qual Karl Marx e Friedrich Engels reconfiguram o debate filosófico sobre o sujeito e objeto, contrapondo-se tanto ao pensamento positivista quanto ao iluminismo idealista, na obra *A Ideologia Alemã* (MENDONÇA, 2013).

Como expresso em outros orientandos de Ariovaldo Umbelino de Oliveira em nossa análise, a utilização do método materialista histórico e dialético também esteve presente em Mendonça (2013). Quando saltamos à UNESP – *Campus* de Rio Claro, com as defesas e Ferreira (1998) e Alves (2009), o fulcro metodológico é outro, do mesmo modo na UNESP – *Campus* de Presidente Prudente, com os trabalhos de Pedon (2009), Felício (2010) e Campos (2012). Embora estes últimos tenham sido orientandos de Bernardo Fernandes, que foi orientando de Ariovaldo Umbelino de Oliveira, no plano dos métodos o materialismo histórico e dialético não apresenta o mesmo vigor. Quando realizamos outro salto, à Universidade Federal de Sergipe e observamos a dissertação de Alexandrina Conceição Luz (1991), e, consoante, sua orientanda, Fabrícia de Oliveira Santos (2012), o materialismo histórico e dialético também mostra-se presente, contudo a polifonia do discurso, os signos

e sinais da linguagem no pensamento geográfico é interpretado à luz da contribuição da filosofia de Bakhtin.

Tensões e a imprescindibilidade da batalha das ideias

As correntes da geografia agrária expressa nas reflexões de Oliveira (1978, 1991, 2004) compreendidas através do materialismo histórico e dialético, a periodização e a construção de quadros da geografia agrária por Ferreira (1998), o pluralismo e ecletismo metodológico anunciados por Flamarion (2010) interpretados à luz da hermenêutica de Gadamer e dos paradigmas de Kuhn, Conceição (1991) e Santos (2012) através da polifonia do discurso assentadas na filosofia de Mikhail Bakhtin, os dois paradigmas de Felício (2011), Campos (2012) e Fernandes (2013), através dos fundamentos de Kuhn e Fleck num crivo dialético e territorial nos apresentam as possibilidades de leitura daquilo que acontece/u na Geografia brasileira orientada pelos estudos do rural. Ao mesmo tempo que esses caminhos nos abrem diversas possibilidades de compreensão ilustram, fundamentalmente, a batalha interpretativa do pensamento geográfico. A tensão tem sua gênese na sociedade em geral envolta em seu percurso histórico e se expressa nas proposituras interpretativas que orientam os pesquisadores a se situarem em uma posição geográfica na história das ideias científicas e no estado do conhecimento do período de então.

Este concerto mostra as ressonâncias dos modos e os meios possíveis e vivos de compreender, contestar, redesenhar o pensamento geográfico brasileiro. Entendemos que tudo que dissemos representa uma fração constelatória dos estudos ligados à compreensão do conhecimento produzido por geógrafos e outros sujeitos que, de diferentes formas, impulsionaram movimentos nas ideias e nos modos de pensar e conhecer o mundo rural. As teses e dissertações aqui expostas guardam em suas totalidades outros meandros que em diante pesquisadores podem se guiar, este texto não procurou esgotar o conteúdo destes trabalhos, feitos em tempos e ambientes diferentes cada um ao seu modo guardam particularidades guiadas por seus objetivos específicos, fatos que os diferenciam.

Considerações finais

Discussões sobre o rural e o urbano anima a Geografia e os geógrafos há muito tempo. Qualquer definição apressada desses dois domínios pode assumir uma conceituação limitada. Sob a base de uma dialética muitas vezes ingênua muitos autores entendem os pares rural e urbano como excludentes, isso impede reflexões mais abrangentes e conseqüentemente separam o rural do urbano como dois mundos opostos,

de diálogo nulo. O rural, no caso, é apenas o tom que caracteriza o perfil das dissertações e teses apresentadas no texto, assumindo o papel de um objeto. Cabe adicionar, contudo, que as fronteiras do *que é e do que não é* em Geografia supõe um aspecto político no exercício do conhecer e do pensar nessa ciência. Neste plano abstrato a ideia de território (i)material me parece oportuna, porque nos oferece uma caracterização e demonstração das fronteiras das temáticas, objetos, juízos, métodos etc.

Olhar para a Geografia e dizer que não há confrontos e embates entre os geógrafos no plano das ideias é uma grande ilusão. Mas, por outro lado, como demonstrar essas tensões? Que metodologia utilizar, então, nesse sentido? Talvez a noção de território (i)material tenha, entre suas diversas utilidades, a resposta a estas questões. Buscamos apresentar neste texto essas tensões, bem como as relações entre orientador e orientando. Sendo o rural o fio condutor dos modelos e métodos utilizados em cada dissertação e tese para interpretar o conhecimento e o pensamento geográfico.

Referências

AB' SABER, Aziz Nacib. "Prefácio. In: VALVERDE, Orlando. **Grande Carajás: planejamento da destruição**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Universidade de São Paulo. Forense Universitária. Editora da Universidade de Brasília, 1989.

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

ABRANCHES JUNIOR, Nilton. **O Ambiente Visto pela Geografia Agrária Brasileira: de 1939 a 1995**. 2003. 122 f. Dissertação. UFRJ, Rio de Janeiro.

_____. **Geografia Agrária e Ambiente no Nordeste do Brasil**. 2008. 213 f. Tese. UFRJ, Rio de Janeiro.

ADAS, Sérgio. **O campo do geógrafo: colonização e agricultura na obra de Orlando Valverde (1917-1964)**. 2006. 481 f. V. 1. Tese. USP, São Paulo.

_____. Volume II: **Notas**. 2006. 135 f. Tese. USP, São Paulo.

ALVES, Flamarion Dutra. **Trajetória teórico-metodológica da geografia agrária brasileira: A produção em periódicos científicos de 1939-2009**. 2010. 350 f. Tese. UNESP, Rio Claro.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Manuel Correia de Andrade. **A terra e o Homem no Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1963.

_____. O Norte e o Nordeste na obra de Orlando Valverde. In: _____. **A questão do território no Brasil**. São Paulo/Recife: Hucitec/lpespe, 1995.

_____. GEOGRAFIA RURAL: questões teórico-metodológicas e técnicas. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, v. 25, n. 49/50, p. 4-14, 1995.

ARENDR, Hannah. **A condição humana**. São Paulo: Edusp, 1981.

BAKHTIN, Mickail (Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 4 ed, Ed. Hucitec, São Paulo, 1988.

CAMPOS, Janaina Francisca de Souza. **Leituras dos territórios paradigmáticos da Geografia Agrária**: análise dos grupos de pesquisa do estado de São Paulo. 2012. 388 f. Tese. UNESP, Presidente Prudente.

_____. Território (i)material e Geografia Agrária: paradigmas em questão. **Revista NERA** (UNESP), v. 2, p. 22, 2013.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII, 1994.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. **A Questão Camponesa**: o olhar sob o signo dialético. 1991. 178 f. Dissertação. UFS, Sergipe.

_____. A “Geografia Social” de Sílvio Romero. Terra Brasilis. **Revista de História do Pensamento Geográfico no Brasil**. São Paulo. Ano I, n. 2. jul./dez., p. 35-55. 2000.

_____. **Às margens do Beberibe e do Capibaribe**: a crítica de Tobias Barreto nos meandros da Geografia. 2001. 319 f. Tese. USP, São Paulo.

_____. Pensamento social brasileiro e geografia. In: BOMFIM, Paulo Roberto; SOUSA NETO, Manoel Fernandes de (orgs.). **Geografia e pensamento geográfico no Brasil**. São Paulo: Annablume; FFLCH-USP; GEOPO-USP, 2010.

DINIZ, José Alexandre Felizola. **Geografia da Agricultura**. São Paulo: DIFEL, 1984.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. Uma introdução. Tradução Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora da UNESP; Editora Boitempo, 1997.

ESCOLAR, Marcelo. **Crítica do discurso geográfico**. Tradução Shirley Morales Gonçalves. São Paulo: Hucitec, 1996.

ETGES, Virgínia Elisabet. **Geografia Agrária**: a contribuição de Leo Waibel. 1997. 246 f. Tese. USP, São Paulo.

FELÍCIO, Munir Jorge. **Contribuições ao debate paradigmático da questão agrária e do capitalismo agrário**. 2011. 215 f. Tese. UNESP, Presidente Prudente.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Sobre a tipologia de territórios. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 197-215

_____. **Construindo um estilo de pensamento na questão agrária**: o debate paradigmático e o conhecimento geográfico. Volume 1 (parte 1 e 2). 2013. 873 f. (Livredocência). UNESP, Presidente Prudente.

FERREIRA, Darlene Aparecida de Oliveira. **O Mundo rural sob o ponto de vista geográfico**: A Geografia Agrária Brasileira da década de 20 a de 90. 1998. 389 f. Tese. UNESP, Rio Claro.

FLECK, Ludwig. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum Editora, 2010.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. 5.ed. Tradução Flávio Paulo Maurer. Petrópolis: Vozes, 2003

GALVÃO, Maria do Carmo Corrêa. - A relação campo/cidade no estudo do espaço agrário. **VI Enc. Nac. de Geog. Agrária**, Garanhuns, PE. 1985.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUSMÃO, Rivaldo Pinto. Os estudos da geografia rural no Brasil - Revisão e Tendências. **III Enc. Nac. de Geógrafos**, Fortaleza, 1978.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 9.ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HARVEY, David. **A produção do espaço capitalista**. 2. ed. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Annablume, 2006.

KAUTSKY, Karl. **A questão agrária**. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

KUHN, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

LAMARCHE, Hugues (coord.). **A Agricultura Familiar**: uma realidade multiforme. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

_____. **A Agricultura Familiar**: do mito a realidade. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

LEFEBVRE, Henry. **De lo Rural a lo Urbano**. 2. ed. Traducción de Javier González-Pueyo. Barcelona: Ediciones Península, 1973.

LENIN, Vladimir Ilich. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Tradução Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MAZOIET, Marcel. **História da Agricultura no Mundo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

MENDONÇA, Maria Luisa Rocha Ferreira. **Modo capitalista de produção e agricultura**: a construção do conceito de agronegócio. 2013. 217 f. USP, São Paulo.

MENDRAS, Henry. **La Fin des paysans**. Paris: Actes Sud, 1984.

MESQUITA, Olindina Vianna. **O estado Isolado de Von Thünen**: uma discussão. 1978. Dissertação. UFRJ, Rio de Janeiro.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **A Geografia no Brasil (1934 -1977):** avaliação e tendências: São Paulo, Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, 1980.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias Geográficas.** Espaço, cultura e política no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1991.

_____. História Social da Geografia no Brasil: elementos para uma agenda de pesquisa. **I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico.** Rio Claro, SP. 09 a 12/12/1999. Anais. p. 17-23.

_____. **Contribuição para uma história crítica do pensamento geográfico:** Alexandre von Humboldt, Karl Ritter e Friedrich Ratzel. 1983. 508 f. Dissertação. USP, São Paulo.

_____. História social da geografia no Brasil: Elementos para uma agenda de pesquisa. In. **Anais do I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico.** Rio Claro (SP), 1999.

NAVARRO, Zander. Agricultura familiar no Brasil: entre a política e as transformações da vida econômica. In: GASQUES, José Garcia; VIEIRRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro; NAVARRO, Zander (orgs). **A agricultura brasileira.** Desempenho, desafios e perspectivas. Brasília, IPEA, 2010.

NEVES, Karina Fernanda Travagim Viturino. **Relação cidade-campo:** estudo da produção do conhecimento na ciência geográfica brasileira a partir dos anais dos Encontros Nacionais de Geografia Agrária (ENGA). 2010. 299 f. Dissertação. UFBA, Bahia.

OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de. **Contribuição para o Estudo da Geografia Agrária:** Crítica ao "Estado Isolado" de Von Thünen. 1978. 487 f. Tese. USP, São Paulo.

_____. **A agricultura Camponesa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1991.

_____. Geografia Agrária: perspectivas no início do Século XXI. In: Oliveira, A. U.; Marques, M.I.M. (Org.). **O Campo no Século XXI.** 1ªed.São Paulo: Paz e Terra/Casa Amarela, 2004.

PEDON, Nelson Rodrigo. **Movimentos Socioterritoriais:** uma contribuição conceitual à pesquisa geográfica. 2009. 240 f. Tese. UNESP, Presidente Prudente.

PLOEG, J. D. V. D. **Camponeses e Impérios Alimentares:** Lutas por Autonomia e Sustentabilidade na Era da Globalização. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2008.

SANTIAGO, João Phelipe. **A GEOGRAFIA NO BRASIL:** A contribuição de Manuel Correia de Andrade. 1990. 392 f. Dissertação. UFPE, Pernambuco.

SANTOS, Fabrícia de Oliveira. **A Revista Agrícola, órgão da sociedade sergipana de agricultura e a estratégia da produção e organização do campo em Sergipe, 1905-1908:** "por em comum as 'luzes' e experiências". 2012. 414 f. Tese. UFS. Sergipe.

SCHOULTZ, Hans- Dietrich. Die Deutsche Geographie von 1800 bis 1970. **Ein Beitrag zur Geschichte ihrer Methodologie.** Berlin Selbstverlag des Geographischen Instituts der Freie Universität Berlin, 1980.

SILVA, José Graziano da. **A modernização dolorosa:** estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil, São Paulo: Zahar, 1981

SIMMONS, Ian Gordon. **Interpreting Nature:** cultural constructions of the environment, London, Routledge, 1993.

_____. **Changing the face of the Earth:** culture, environment, history. Oxford: Basil, Blackwell, 1989.

SPOSITO, Eliseu Savério. A questão do método e a crítica do pensamento geográfico. In: CASTRO, I. E., MIRANDA, M., EGLER, C. A. G. (org.) **Redescobrimo o Brasil: 500 Anos. Depois** – 2ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/ FAPERJ, 2000.

_____. **Geografia e Filosofia:** contribuição para o ensino do pensamento geográfico. Editora UNESP, 2004.

THOMAZ JUNIOR, Antonio. A classe trabalhadora no Brasil e os limites da teoria qual- o lugar do campesinato e do proletariado? In: FERNANDES, B.M. (org.) **Campesinato e Agronegócio na América Latina:** a questão agrária atual. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

VEIGA, José Eli. **O Desenvolvimento Agrícola:** uma visão histórica. São Paulo: Hucitec, 1991.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade:** na história e na literatura. Tradução Paulo Henrique Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Recebido para publicação em 12 de julho de 2016.

Devolvido para a revisão em 30 de março de 2017.

Aceito para a publicação em 19 de maio de 2017.